

Flexibilização dos tempos de trabalho e a produção de desencontros na vida familiar e afetiva dos trabalhadores.

Abe, Hyrata Hykeno.¹

RESUMO

O texto tem como objetivo apresentar primeiras reflexões sobre a relação entre flexibilização dos tempos de trabalho e a produção de desencontros nas relações familiares e afetivas dos trabalhadores. Faz uma breve análise sobre tempo de trabalho entre Marx e Weber e discute a flexibilização do tempo como estratégia de sobrevivência do mercado de trabalho, o reflexo dessa flexibilização na vida do trabalhador e apresenta alguns casos de desencontros gerados.

Palavras-chave: trabalho; flexibilização; tempo; desencontros.

Introdução.

O presente artigo apresenta a primeira tentativa de delimitar e refletir sobre o tema para futura pesquisa no Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFG. É fruto de um artigo da disciplina Sociologia do Trabalho I em que o foco na reflexão sobre as conseqüências da flexibilização dos tempos de trabalho nas relações familiares e afetivas.

Passa também por uma revisão teórica sobre tempo de trabalho em Karl Marx e Max Weber e uma breve exposição do histórico da discussão sobre intensificação e flexibilização do tempo de trabalho no Brasil.

Justificativa

É um tema que pede melhor reflexão devido a sua baixa representação na sociologia do trabalho.

Objetivo

Tem como objetivo contribuir para o aprofundamento do tema na sociologia do trabalho.

¹ Mestrando em Sociologia – Universidade Federal de Goiás (hyrataabe@hotmail.com)

Metodologia

Esse artigo é de natureza bibliográfica e reflexiva, mas ganha dados empíricos à medida que evolui para a fase de testes do tema e do método, tentativas primeiras de se avançar para a pesquisa propriamente dita.

Marx e Weber não tiveram o tema tempo de trabalho como preocupações principais de suas obras, no entanto, julguei possível interpretar o pensamento sobre essa questão. Foi um exercício na tentativa de considerar a conjugação de ambos nas reflexões que virão. Fazer esse exercício interpretativo foi além de prazeroso, imprescindível.

Tópicos que parecem independentes dos primeiros é o do breve histórico da discussão sobre intensificação e flexibilização do tempo de trabalho no Brasil que devem ser aqui apresentados para entendimento do recorte tempo de trabalho.

Flexibilização do tempo de trabalho como estratégia de sobrevivência no mercado de trabalho. O trabalhador de tempo flexível e as conseqüências dessa modalidade em seu cotidiano além de sua busca por empregabilidade que estende seu tempo voltado para o trabalho. Na intenção de contextualização do tema, busquei em autores que discutiam o tema tempo de trabalho no Brasil e fiz uma pequena reflexão para de fato entrar no recorte da pesquisa.

A seguir, o artigo mostra a reflexão, fruto da inquietação do recorte. Ela é acompanhada de resultados de entrevistas-conversas com pessoas de diversos segmentos. A técnica usada foi do levantamento de amostra bola-de-neve. Foram conversas com mais de vinte pessoas ao longo do mês de maio desse ano sem nenhum roteiro de entrevista. No entanto, serviram para, além de testar o tema, pensar numa forma de melhor coletar dados, o que pode ser visto na construção das agendas semanais dos dois exemplos apresentados e de suas falas sobre os encontros e desencontros.

Resultados e discussão

Na literatura da sociologia do trabalho é difícil encontrar a relação tempo de vida e tempo de trabalho e suas conseqüências na vida das pessoas. Por isso, precisei fazer um apanhado a partir de dois clássicos e relacionar elementos relevantes na minha

análise, que são tempo de trabalho como valor de uma sociedade e como instrumento nas mãos dos donos dos meios de produção para aferir lucro – e a consequência dessa engenharia na vida dos trabalhadores.

Foi desafiador fazer essa análise, pois a relação dos dois autores nem sempre é feita para esse recorte e nem ao tema. Ela me deu a possibilidade de entender o valor do tempo de trabalho na vida das pessoas e como ela se transforma em instrumento de manobra, já que não contestada nas mãos de quem intenta maximizar resultados dos trabalhadores. O tempo de trabalho como valor pessoal do trabalhador é chave para entender em como tão facilmente ele negocia seu tempo de vida.

É o que me leva a pensar que todos os trabalhadores são orientados por esse valor, por isso um recorte mais preciso fica difícil ainda de fazer. Quero dizer que é sistêmico o processo de desencontro porque é valor que ganhou espaço na vida pessoal de todos os trabalhadores em todas as áreas. Se houver, são poucas as profissões que atentam para o equilíbrio desses dois tempos sociais. A força produtora de bens não se solidariza com quem trabalha. Ela se alimenta da força e do tempo de trabalho de toda a sociedade como um valor desejável.

Percebi ao longo do trabalho de reflexão e entrevistas que esse é um tema também é pouco relacionado às relações pessoais na tentativa de se pensar seus efeitos na vida das pessoas. O estranhamento ou a surpresa mostram que pouco se alia a precarização das relações familiares e afetivas aos variados modelos de tempos de trabalho. Não há a relação imediata de tempo gasto no trabalho e tempo perdido fora dele. É como se todos estivessem no modo automático em que o modelo de vida dedicada ao trabalho não é discutida nem se torna objeto de reflexão.

Torna-se mais interessante e desafiador ainda o aprofundamento dele no decorrer do curso.

Conclusões

A conclusão desse artigo é de, quanto a bibliografia e reflexão, percebi que carecem de maior diálogo com outros autores de igual ou maior envergadura que me darão melhores condições de pensar sobre o tema e o método a ser utilizado

Quanto aos dados empíricos, necessário melhor sistematização para sua coleta e apresentação.

Mostrou brechas teóricas e metodológicas a serem trabalhadas.

Bibliografia

BRAGA, Alice Morais; CANÔAS, José Walter. O Tempo de trabalho no capitalismo. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/searchq=cache:4E5GXx1wibIJ:www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/alicebragaesejosecanoas.pdf+tempo+de+trabalho+em+marx&cd=1&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a>>. Acesso em: 24 maio 2010.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Livro Segundo: o processo de circulação do capital. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MORAES, Raimundo de. A importância da ética na formação de recursos humanos. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&cd=4&ved=0CB8QFjAD&url=http%3A%2F%2Fanhanguera.edu.br%2Fhome%2Findex.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D46%26Itemid%3D239&ei=zLBTTKjcI4H68Aau0o2sAw&usg=AFQjCNE2oN13Y_zqhyyixxEcj3P4cWvJiA>. Acesso em: 31 jul. 2010.

RÁO, Eduardo Martins. Tempo de trabalho na atualidade: retrocesso da regulação social e a questão da redução da jornada de trabalho. Disponível em: <<http://www.abet-trabalho.org.br/main.asp?view=noticia&id=26>>. Acesso em: 9 jun. 2010.

SENNET, Richard. A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 212 p.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 2ª revista São Paulo: Pioneira Thonsom Learning, 2003. 87 p.